



Boletim de Notícias NS

**NSDAP/AO : PO Box 6414
Lincoln NE 68506 USA
www.nsdapao.org**

#1160

08.06.2025 (136)

Hitler em guerra : O que é que *realmente* aconteceu?

por A.V. Schaerffenberg

Parte 7

Capítulo 6: Campanha na Polónia

"A verdade é tão frágil que precisa de um guarda-costas de mentiras para a proteger."

Winston S. Churchill

Com a guerra contra a Polónia praticamente ganha, "Hitler ergueu-se no Reichstag para se vangloriar do seu triunfo sobre um povo indefeso". Foi assim que Walter Cronkite, porta-voz dos historiadores convencionais e dos propagandistas antinazis, descreveu os polacos de 1939. Desde então, a sua descrição tornou-se um dogma histórico, em que a Polónia continua a ser retratada como um país amante da paz, demasiado tímido e pequeno para se defender da intimidação de Hitler. Mas, como foi referido no capítulo anterior, os polacos ultrajaram os aliados

britânicos e franceses com a sua recusa obstinada em negociar pacificamente. E não eram, nem de longe nem de longe, "um povo indefeso". Uma vez que a Polónia moderna tinha sido criada no rescaldo da Primeira Guerra Mundial, o Marechal Jozef Pilsudski levou por diante extensos programas de armamento para acompanhar a sua política externa agressiva. Era conhecido como um belicoso agitador em toda a Europa de Leste e envolveu-se em escaramuças com todos os seus vizinhos, incluindo os alemães da Silésia, que eram de facto "um povo indefeso" durante o início da década de 1920, quando ocupou as suas terras em flagrante violação do direito internacional. Até os autores aliados do Tratado de Versalhes criticaram os polacos pela sua cobarde vitimização de alemães desarmados.

Simultaneamente, Pilsudski encenou um ataque total contra a URSS. Embora tenha falhado, impediu que os soviéticos contra-invadissem a Polónia. No dia em que o nacional-socialismo foi eleito para o poder na Alemanha, Pilsudski, sem provocação, enviou um emissário secreto a Paris, onde foi proposta uma invasão conjunta do Reich. Os franceses, mal preparados, ficaram horrorizados e recusaram-se a considerar a sua sugestão criminosa de desencadear uma guerra não declarada contra uma nação demasiado fraca para ter ameaçado alguém, quanto mais os belicosos polacos. Pilsudski era casado com uma judia, o que explicava a sua animosidade pessoal para com os alemães em geral e o nacional-socialismo em particular.

Como mencionado no capítulo anterior, o governo polaco assinou um tratado de amizade com o Reich em janeiro de 1934. Ao mesmo tempo, Pilsudski enviou o seu embaixador, Millstein, para a Lituânia, num esforço secreto para atrair a liderança dessa nação báltica para uma aliança militar conjunta contra a Alemanha. Millstein, um genro da casa bancária internacional dos Rothschild em Paris, foi recebido com frieza pelos lituanos, cuja antiga capital, Vilnius, tinha sido tomada e continuava a ser detida pelo marechal traidor.

Depois da sua morte por cancro ou veneno, em 1935, o fabrico de armas polacas continuou sem parar, mas alguns oficiais de Varsóvia começaram a compreender a loucura suicida de se oporem simultaneamente a Estaline e a Hitler e inclinaram-se para uma *aproximação* à Nova Alemanha. Lentamente, os dois países foram-se aproximando, até que o canto de sereia de Bullitt, de conquista fácil, embalou os polacos para a sua perdição. Em agosto de 1939, a agitação popular contra Hitler na Polónia atingiu o ponto mais alto, resultando em acções desenfreadas da multidão contra os 1,5 milhões de alemães do país. O número de alemães que foram arrastados das suas casas e espancados ou apedrejados até à morte pela multidão enfurecida nunca foi determinado com exatidão, embora as estimativas da Cruz Vermelha Internacional apontem para mais de 3.000 homens, mulheres e crianças du-

rante um período de vinte anos, com início em 1919. Cerca de 500 cidadãos alemães foram assassinados pelos polacos enfurecidos só em 1939. Os registos suíços que documentam as atrocidades cometidas pelos polacos contra a minoria alemã, embora disponíveis para consulta pública há mais de 60 anos, são um fator negligenciado nas relações entre a Polónia e a Alemanha antes da Segunda Guerra Mundial.

Enquanto os estrategas militares britânicos conferenciavam em Londres com os seus peões polacos, o principal jornal da Polónia, o *Kurier Polski*, publicava títulos que exigiam: "A Alemanha tem de ser destruída!" (*Goebbels*, p.304). As condições históricas no final do verão de 1939 foram descritas por um capitão de um submarino alemão, Werner Hartmann. "Durante semanas, houve agitação na Polónia", recordou. "Os jornais e os cabarés gozavam com o povo alemão. Os cidadãos alemães eram acusados e presos sem fundamento. Alemães de origem étnica foram linchados. O General Ironside (Chefe do Estado-Maior Britânico) inspeccionou o exército polaco. Militares megalómanos do balão de oxigénio falavam da Batalha de Tempelhof (ou seja, Berlim) e da "fronteira" no Elba. Danzig era sistematicamente isolada e Gdingen --- uma formação esquizofrénica feita de blocos de betão semiacabados e cercas de madeira ao longo do mar --- devia tornar-se o grande porto da Europa de Leste. Todos os dias, os títulos dos jornais relatavam novos e mais preocupantes excessos desta escalada de chauvinismo. Uma vez, afirmaram que uma frota polaca nos prepararia um Salamis no Báltico e que as ondas se tornariam vermelhas com o nosso sangue até às falésias brancas de Ruegen" (33).

No entanto, Hitler não tinha qualquer intenção de fazer o jogo dos seus inimigos, iniciando uma guerra cujo desfecho ninguém podia adivinhar. Frustradas com o seu férreo autocontrolo, as autoridades de Varsóvia ordenaram insanamente às forças especiais polacas que atacassem a pequena cidade fronteiriça alemã de Gleiwitz, que ocuparam efetivamente em 31 de agosto de 1939. No total, os polacos lançaram cerca de 35 surtidas através das fronteiras orientais do Terceiro Reich, ataques que nunca são mencionados pelos historiadores da corte que pretendem apresentar Hitler como o único agressor. Mesmo agora, ele procurava um fim negociado para os combates. Como os autores da *Enciclopédia Ilustrada Marshall Cavendish da Segunda Guerra Mundial*, antinazi, foram obrigados a admitir, "a invasão alemã da Polónia foi lançada depois de o embaixador polaco em Berlim ter recusado as propostas de Hitler para uma solução pacífica do problema de Danzig e do Corredor" (22). Com o seu país sob ataque, o Fuehrer não teve outra opção senão ordenar contra-medidas. Assim, na manhã de 1 de setembro, os polacos obtiveram o que desejavam, quando a Blitzkrieg caiu sobre eles como a ira de Deus.

Nessa altura, o Duce demonstrou a sua vontade de paz, solicitando uma conferência das cinco potências em Paris, a 5 de setembro, "para examinar as cláusulas do Tratado de Versalhes, que estão na origem dos problemas". Hitler concordou e disse aos britânicos e aos franceses que pararia o seu ataque e se retiraria da Polónia, se lhe fosse permitido manter a cidade alemã de Danzig - alemã. A este pedido iminente razoável, as democracias ocidentais preferiram a guerra com todas as suas consequências mutuamente catastróficas.

A Polónia estava a armar-se há vinte anos. E um olhar sobre o seu exército é suficiente para mostrar que os polacos não estavam "indefesos". Mobilizaram um exército de um milhão de homens em trinta divisões de infantaria modernamente equipadas, apoiadas por uma "Defesa Nacional" de 100.000 reservistas. *A Enciclopédia Cavendish* descreve o exército polaco como "um dos maiores do mundo"(22). A infantaria polaca era apoiada por uma brigada blindada com nada menos de 300 tanques, o que põe em causa o mito aliado de que a cavalaria operática da Polónia era o seu único meio de defesa. Os polacos tinham regimentos de cavalos (37 no total), mas o mesmo acontecia com todas as outras nações modernas do mundo - incluindo a Alemanha e os EUA; as unidades de cavalaria eram ainda parte integrante da guerra contemporânea.

Desconhecido para a maioria dos estudantes da Segunda Guerra Mundial, os polacos operavam uma marinha moderna de cinco submarinos, quatro destroyers, seis caça-minas e um caça-minas. Embora estas forças pareçam escassas quando comparadas com as de outras marinhas, eram adequadas para os confins do Báltico e, certamente, mais actualizadas do que o seu adversário mais pesado, o antiquado *Schleswig-Holstein*, que disparou os primeiros tiros alemães da Segunda Guerra Mundial. As forças navais de Varsóvia continuaram a lutar muito depois da queda da capital, em outubro de 1939. Meio ano mais tarde, por exemplo, a 8 de abril de 1940, o transporte alemão *Rio de Janeiro* foi afundado no Báltico por um submarino polaco, o *Orzel*.

Os polacos tinham uma frota aérea de quase mil aviões. O avançado bombardeiro médio P.37 "Elk" voava 40 milhas por hora mais rápido do que o bombardeiro médio de topo da Alemanha, o Heinkel He 111H-16, apesar de ambos os aviões transportarem cargas equivalentes de 5.600 libras de bombas cada. O bombardeiro monomotor PZL P.23 era o tipo de avião mais numeroso ao serviço da Força Aérea Polaca no início da guerra, com 114 exemplares ao serviço das unidades de primeira linha, com mais 11 recebidos como substitutos. Capaz de operar a partir de aeródromos improvisados, o robusto *Karas*, ou "Carpa", transportava uma carga de bombas de 1.330 libras a 186 m.p.h., e estava armado nas posições de artilheiro dorsal e ventral, o que o tornava mais bem defendido do que os seus homólogos alemães, o Messerschmitt-110 bimotor ou o bombardeiro de mergulho

Stuka.

Mas o principal caça da Força Aérea Polaca era o ágil PZL P.11, um monoplano de asa alta produzido pela *Panstwowe Zakłady Lotnicze* de Varsóvia, a Fábrica Nacional de Aviação. Embora mais lento do que a maioria dos seus adversários da Luftwaffe, o P.11 era rápido e altamente manobrável. Nas mãos de um aviador experiente (e muitos aviadores polacos eram excelentes aviadores), o P.11 era um adversário formidável. A maioria das histórias da Segunda Guerra Mundial não menciona que a primeira vitória aérea da Campanha Polaca foi obtida por um único piloto de P.11 sobre dois bombardeiros médios Dornier. E 285 aviões da Luftwaffe perdidos durante a breve campanha testemunharam as capacidades de combate da Força Aérea Polaca.

Embora o Messerschmitt Me 109E fosse superior ao avião de guerra polaco (tal como o era a todos os outros caças do mundo na altura), o P.11 estava ao mesmo nível e era mesmo superior aos modelos de perseguição utilizados pelas forças aéreas contemporâneas em todo o mundo. O P.11 era tão bom quanto, se não melhor, do que os biplanos Polikarpov da Rússia, o CR-42 da Itália, o Gloster *Gladiator* da RAF, o Mitsubishi A5M do Japão (nome de código dos EUA, *Claude*), ou o Brewster *Buffalo* americano - todos aviões de guerra da linha de frente em 1939. Longe de serem "em grande parte obsoletos", os aviões polacos eram normais ou melhores para o seu tempo e, por vezes, como no caso do *Elk*, máquinas de última geração.

Os principais relatos da Segunda Guerra Mundial retratam invariavelmente os adversários derrotados pelos nacional-socialistas como fracos ou indefesos, a fim de sustentar a imagem propagandística dos seguidores de Hitler como rufias que nunca poderiam ganhar uma luta justa. As suas intenções são óbvias e extra-históricas. As dezenas de milhar de mortos, desaparecidos e feridos da Wehrmacht em menos de um mês de combate são a prova de que os alemães não se limitaram a atravessar a Polónia para obter uma vitória fácil. Denegrir a resistência polaca como "fútil" ou "patética" é rebaixar as tropas terrestres, os marinheiros e os aviadores que lutaram com tanta habilidade e coragem pelo seu país, traídos como foram pelos Aliados ocidentais e pelos seus próprios líderes. Como o próprio Adolf Hitler admitiu publicamente em Danzig, após a campanha: "Neste momento, façamos plena justiça aos soldados polacos. Os polacos lutaram corajosamente em muitos sítios. Os seus oficiais subalternos deram o seu melhor. Os seus oficiais não tinham inteligência. O seu comando supremo foi um fracasso absoluto. A sua organização era apenas polaca".

Não há melhor exemplo da verdade desta avaliação do que a defesa da Westerplatte, em frente ao porto de Danzig, pelos polacos. Desde 1924, os polacos tinham estado a construir secretamente a península, transformando-a numa im-

portante instalação de trânsito militar, contra as garantias prometidas pelos políticos de Varsóvia e pelos negociadores da Liga das Nações, que tentavam pacificar o potencial ponto de inflamação entre a Alemanha e a Polónia. De acordo com o historiador polaco Maciej Jonasz, "é de notar que a localização das posições subterrâneas (da cidadela armada) tinha de ser mantida oculta, uma vez que a sua existência era proibida pelos termos do acordo que regulava a existência da instalação. Eram mesmo mantidos secretos para o pessoal subalterno da guarda, que era rotativo de seis em seis meses. Só os oficiais e os suboficiais superiores conheciam as posições de combate clandestinas ... " (66). Este véu de rigoroso secretismo escondia uma instalação armada, reforçada com betão, de última geração, com numerosos postos de metralhadoras, morteiros e artilharia, tripulada por uma companhia de tropas de elite. A existência de uma tal fortificação clandestina, ou mesmo ilegal, *quinze anos antes* do início da Segunda Guerra Mundial, revelou os preparativos polacos para o conflito com a Alemanha, e muito antes de Hitler, que ainda hoje é acusado de ter provocado as hostilidades com a Polónia, ter assumido o poder.

A 1 de setembro, sem se aperceberem da extensão das suas defesas, os alemães lançaram um ataque frontal à Westerplatte e foram abatidos antes de se aproximarem da cidadela oculta, tendo o seu assalto blindado sido destruído pelo canhão de campo de 75 mm dos polacos. Em seu socorro estava o velho navio de guerra da era passada do dreadnought, o *Schleswig-Holstein*, de 1909. Jonasz escreve que a artilharia de campanha polaca "foi avistada pelos vigias do navio de guerra e foi imediatamente alvo de fogo pesado. O primeiro projétil naval atingiu o tronco da árvore sob a qual se encontrava o canhão de 75 mm e os dois seguintes aproximaram-se o suficiente para colocar a peça completamente fora de ação. (O canhão foi mais tarde reparado e utilizado pelos alemães, terminando finalmente a sua carreira na bolsa de Estalinegrado)" (68, 69).

O velho e valente cavalo de guerra levou a melhor, lançando um número crescente de ataques directos contra a instalação. "Esta barragem brutal, durante a qual o couraçado disparou os seus enormes canhões contra a instalação a apenas 400 metros de distância, manteve-se até às 21 horas. Levou os polacos a evacuar Strong-point Prom, cujo pessoal se retirou para ajudar a guarnecer a Casa de Guarda Um. O oficial Gryczman testemunhou a intensidade do fogo quando deu a ordem de retirada: "Sobrevivi a duas guerras, mas nunca vi nada assim!

A Westerplatte polaca resistiu durante uma semana contra os alemães, que podiam ser cavalheirescos para com um inimigo determinado. "Depois da rendição", relatou Jonasz (71), "os oficiais polacos foram autorizados a ficar com os seus sabres, em sinal de respeito que a defesa tinha conquistado entre os seus adversários". Os polacos sofreram 15 baixas, enquanto 200 a 300 dos seus ad-

versários jaziam mortos.

Contra as 30 divisões polacas, uma brigada blindada e 842 aviões operacionais, a Alemanha tinha 106 divisões, seis divisões blindadas e 3.000 aviões de guerra. No entanto, a comparação é enganadora, porque mais de metade destas forças da Wehrmacht tinham de estar prontas a qualquer momento para enfrentar os ataques previstos da Grã-Bretanha e da França a oeste. Embora os alemães possuíssem superioridade numérica e tecnológica sobre os polacos, a sua vantagem não era tão pronunciada como parecia no papel.

Os líderes polacos nunca tiveram qualquer ilusão de que poderiam vencer sozinhos Hitler. A sua estratégia de atrasar o avanço alemão até que os Aliados ocidentais viessem em seu socorro baseava-se, evidentemente, inteiramente nas promessas britânicas e francesas. O general Tadeusz Kutrzeba, diretor da Academia Militar Polaca, famoso durante a Campanha como comandante da contraofensiva do rio Bruza, sabia que "será necessário esperar pela ajuda da França. A Polónia terá de contar com as suas próprias forças durante seis a oito semanas, mesmo que os franceses reajam prontamente". Mas o Fuehrer não tinha qualquer intenção de lhes dar esse tempo. O comandante-chefe francês, general Gamelin, disse: "Conheço perfeitamente o exército polaco. As suas tropas são excelentes e os seus comandantes não têm paradeiro. Os polacos vão resistir e nós não perderemos tempo a ir em seu auxílio. Os polacos resistirão durante pelo menos seis meses e nós iremos em seu auxílio através da Roménia."

Mas esse pensamento estava enraizado nas estratégias desatualizadas da Primeira Guerra Mundial. Os comandantes aliados presumiam que precisavam de, pelo menos, três semanas para preparar as suas forças, altura em que os alemães já tinham encerrado a guerra na Polónia. Chocados com o rápido avanço da Wehrmacht, os franceses tentaram montar operações contra as defesas da Alemanha Ocidental entre os rios Reno e Mosela. Mas, com a irresponsabilidade dos comités e a corrupção endémica das democracias, a França demorou uma semana a organizar o seu ataque.

Nessa altura, a ofensiva foi lançada prematuramente e não foi muito convincente. Com a entrada dos alemães na Polónia muito mais rápida e profunda do que os comandantes aliados imaginavam ser possível, o General Gaston Pretelat, diretor da ofensiva, foi fortemente pressionado politicamente para atacar imediatamente a Alemanha Ocidental, pronta ou não. Reuniu à pressa 31 divisões, incluindo 14 unidades de primeira linha, do 2º Grupo de Exércitos francês. Apesar desta formidável força sob o seu comando, Pretelat avançou com temeridade contra o 1º Exército alemão, esmagadoramente superado em número e com apenas 17 divisões. Para seu desânimo, os franceses descobriram que a Linha Siegfried, que protegia a fronteira alemã, estava demasiado atrás da frente, obrigando a sua artil-

haria a colocar-se sob fogo inimigo antes de poderem atacar as defesas. Além disso, a Linha Siegfried revelou-se inexpugnável aos projecteis de 155 mm. Mesmo depois de os franceses terem levantado os seus canhões de 220 mm e 280 mm - os maiores canhões da Terra - as defesas de betão armado da Linha Siegfried permaneceram incólumes, embora a artilharia de Pretelat fosse rápida e altamente precisa. A Linha Siegfried resistiu, dando um novo significado à expressão "aço alemão".

Entretanto, o 4º Exército do General Edouard Requin, com o seu flanco esquerdo no Saar, capturou 7,5 milhas de território alemão. Ao mesmo tempo, o 3º Exército do General Conde apoderou-se de uma saliência da Floresta Warndt. A partir destas posições, Pretelat preparou-se para um ataque direto à Linha Siegfried, a abrir a 17 de setembro. Mas, nessa altura, Varsóvia estava sitiada e os exércitos polacos derrotados. A continuação das operações parecia inútil, pelo que foram canceladas. Ironicamente, a data prevista para a ofensiva de Pretelat era o mesmo dia em que as tropas russas entraram no leste da Polónia, um acontecimento que deveria ter sido coordenado com a França para espremer a Alemanha pelo meio. Mas, pelo menos, os franceses tentaram cumprir a sua parte do acordo, ainda que de forma pouco convicta. Os britânicos, de quem os polacos tinham recebido todo o tipo de garantias firmes de ajuda militar, nunca mexeram um dedo para os ajudar. Os ingleses não tinham meios nem qualquer intenção de salvar a Polónia, pela qual estavam agora ansiosos por travar uma guerra contra a Alemanha, fosse qual fosse o pretexto.

O que realmente derrotou os polacos e simultaneamente travou quaisquer ofensivas dos Aliados ocidentais foi a estreita cooperação entre os blindados motorizados que avançavam rapidamente e a Luftwaffe. Esta nova coordenação dependia do facto de os comandantes aéreos locais trabalharem em conjunto com os oficiais no terreno. Esta combinação inter-serviços, única e altamente eficaz, era desconhecida na estrutura classista dos círculos militares não nacional-socialistas. Resultou do espírito de colaboração de classe com que Adolf Hitler tinha inspirado o seu povo. Os Stukas Junker Ju 87 serviram como artilharia voadora, abrindo buracos nas posições inimigas, através dos quais os Panzers se lançaram em grande número.

Esta utilização táctica sem precedentes de aviões e tanques foi prevista pelo Chefe da Luftwaffe, o Reichsmarschall Hermann Goering, como a melhor forma de derrubar a Polónia antes que os franceses tivessem tempo de organizar uma ameaça séria contra as fracas defesas da Alemanha Ocidental. Assim, as divisões aéreas alemãs abriram enormes brechas nas fortificações da Polónia ao longo da fronteira. Foi através delas que a vanguarda de invasão do Grupo de Exércitos Sul atacou na manhã de 1 de setembro. Os bombardeiros Junker, Heinkel e Dornier

continuaram a cortar as linhas de vida das forças inimigas no terreno, especialmente todas as estradas e caminhos-de-ferro que transportavam reforços e abastecimentos polacos para a frente. Isolaram campo de batalha após campo de batalha, paralisando assim as comunicações e os transportes e impedindo contra-ataques em massa contra os Panzers.

Um objetivo vital desta primeira *Blitzkrieg*, ou "guerra relâmpago", era a destruição imediata da perigosa força aérea polaca no terreno. Mas a Luftwaffe apanhou e destruiu apenas 30 aviões inimigos ainda estacionados perto e nos seus hangares. Os polacos tinham sabiamente espalhado os seus aviões de guerra por todo o país, em numerosos aeródromos. Por conseguinte, a sua força aérea tinha de ser destruída em combate aéreo. E assim foi. Os P-23 entraram em ação nas duas primeiras semanas da Campanha, atacando colunas motorizadas e Panzer alemães. Mas os pilotos de Messerschmitt dizimaram os bombardeiros de mergulho antes que a maioria deles pudesse aproximar-se dos seus alvos. As eminentes unidades *Karas* sofreram mais de 85% de baixas, deixando apenas 17 "Carpas" a atravessar a fronteira com a Roménia, onde foram ignominiosamente apreendidos.

Mas os polacos continuaram a lutar com uma determinação valente. A 7 de setembro, a Força Aérea Polaca obteve a sua maior vitória aérea individual ao derubar 15 aviões alemães num só combate. Varsóvia dispunha de um sistema de alerta precoce de última geração que apanhou os aviadores da Luftwaffe de surpresa. Sempre que chegavam à capital polaca, enxames de caças P.11 já estavam à sua espera. De acordo com o Major da Força Aérea Polaca F. Kalinowski, "no verão de 1939, foi criada à volta de Varsóvia uma rede de postos de observação para fornecer um aviso prévio da aproximação de aeronaves inimigas, que deviam transmitir informações por rádio e telefone à sala de operações da Brigada de Perseguição, a partir da qual eram dadas todas as ordens de ataque".

Enquanto os pilotos da Luftwaffe lutavam pelo controlo dos céus, eram distraídos do seu objetivo principal: apoiar os seus camaradas de armas no terreno. Consequentemente, de 15 a 18 de setembro, as 11ª e 38ª Divisões polacas do "Grupo Sosnkowski" destruíram três tentativas de cerco empreendidas pelo 14º Exército alemão. Marchando toda a noite e lutando durante o dia, os polacos derrotaram todos os esforços da Wehrmacht para os impedir de atravessar o estratégico rio San. Durante o processo, capturaram 20 peças de artilharia e 180 veículos dos alemães. Anteriormente, os tanques da 4ª Divisão Panzer tinham sido derrotados no seu ataque surpresa falhado a Varsóvia. À medida que o 35º Regimento Panzer e o 12º Regimento de Fuzileiros avançavam pelos subúrbios da capital, foram alvo de intenso fogo de artilharia, na verdade dirigido a partir da própria cidade. Sofrendo pesadas baixas, foram obrigados a retirar. Mas não muito atrás deles surgiu o poderoso 10º Exército. Este foi até ao Vístula em Gora Kalwaria,

onde dizimou completamente o Exército de elite de Lotz.

Horrorizado com a rápida aniquilação da sua principal força de combate, o Marechal Rydz-Smigly, comandante-chefe da Polónia, ordenou uma retirada geral e demorada para leste. Os poderosos exércitos de Pomorze e Poznan, compostos por quatro divisões de infantaria e duas brigadas de cavalaria - um grupo de exército inteiro - lideraram esta retirada em direção a Varsóvia. Tomaram posições perto de Kutno, junto ao rio Bzura, cerca de 65 milhas a oeste da capital, sob o comando do general Kutrzeba. Em 10 de setembro, ao tentarem atravessar o rio, os polacos foram desafiados pelo 10º Exército alemão, numericamente inferior, que tinha vindo de Lodz para lhes barrar a passagem.

Tomando a iniciativa de lançar a sua própria contraofensiva, os polacos atacaram com uma determinação furiosa, capturando cabeças de ponte perto de Lowicz e fazendo recuar a 30ª Divisão de Infantaria alemã. O 10º Exército foi cortado dos seus abastecimentos e todo o flanco do Grupo de Exércitos Sul da Wehrmacht ficou subitamente ameaçado. Estava iminente uma terrível reviravolta e toda a Campanha estava em perigo, quando a Luftwaffe veio em socorro. Voando oito ou mais missões por dia, os aviões de ataque Henschel 123 e os bombardeiros de mergulho Stuka pulverizaram as cabeças de ponte mantidas pelo inimigo, paralisando as posições defensivas polacas em torno de Dzialoszyn e Czestochowa. Os bimotores Messerschmitt Me-110 bombardearam grandes concentrações das melhores tropas do General Kutrzeba, que foram ainda mais dizimadas por surtidas de nível efectuadas por bombardeiros médios Dornier e Heinkel. Os polacos e os seus cavalos enlouqueceram de pânico no meio do dilúvio prolongado de bombas e obuses que caíam.

Era agora possível ao 8º Exército alemão ligar-se ao 10º sitiado, e novos ataques aéreos permitiram que as suas divisões motorizadas e Panzer avançassem para norte, atingindo os exércitos combinados de Pomorze e Poznan pelo flanco. Como serpentes dolorosamente feridas, atacaram os alemães à volta de Lowicz e Sochaczew, onde se travaram combates corpo a corpo incrivelmente violentos, até que os polacos foram gradualmente cercados e isolados em Kutno. Uma semana de intensos combates à escala das divisões terminou a 10 de setembro com a rendição de 170.000 soldados polacos.

Imediatamente após o seu sucesso, os bombardeiros da Luftwaffe atacaram a 7ª Divisão polaca que ainda resistia em Czestochowa. Um dia inteiro de bombardeamentos ininterruptos da Luftflotte 4 obrigou toda a divisão a render-se *em massa*, a primeira vez que uma força aérea obrigou unidades terrestres de tal dimensão a depor as armas. Apenas cinco dias depois, os pilotos da Luftflotte 4 repetiram a sua vitória histórica, quando forçaram a rendição de um número ainda maior de tropas inimigas a sul de Radom, onde os polacos estavam rodeados por um anel de

ferro de Panzers.

A Batalha de Bzura tinha chegado ao fim, mas não as esperanças de Rydz-Smigly de tornar possíveis os ataques franceses contra a Alemanha ocidental, travando o avanço da Wehrmacht. De facto, os homens do general Pretelat já tinham iniciado o seu assalto à Linha Siegfried. A intervenção francesa começava, de facto, a ter o seu efeito na Campanha Polaca, quando Goering retirou subitamente mais 400 bombardeiros médios para a Frente Ocidental, precisamente quando as operações aéreas sobre Varsóvia estavam prestes a começar contra os seus resolutos defensores que jogavam contra o tempo. Os transportes pesados, os veneráveis Junkers Ju-52, foram forçados a entrar em serviço de emergência como bombardeiros, um papel para o qual eram completamente inadequados. Apenas trinta "Auntie Jus" foram embalados com caixas de bombas incendiárias de fósforo de duas libras. Estas foram literalmente transportadas para fora das portas do compartimento de carga por dois soldados afectos a cada Junkers!

Para terminar a campanha polaca o mais rapidamente possível, Hitler interveio pela primeira vez nos combates. Até agora, tinha dado carta branca aos seus generais na condução da guerra. Mas eles não estavam a agir com rapidez suficiente. O Fuehrer queria eliminar a Polónia em três semanas, tempo suficiente para preparar as suas defesas contra o ataque antecipado dos Aliados a partir de oeste, que, na verdade, já tinha começado. Para apanhar o resto das forças polacas a leste do Vístula, ordenou ao 14º Exército que se dirigisse para nordeste a partir de L'vov. O seu XIX Corpo Panzer caiu na armadilha e a campanha estava praticamente terminada. Agora Varsóvia estava completamente cercada. Com todas as forças armadas da Polónia destruídas ou derrotadas, a defesa da capital não fazia sentido. Os alemães ordenaram aos seus defensores que se rendessem pacificamente, evitando assim um derramamento de sangue desnecessário. No entanto, os polacos ainda confiavam na salvação dos Aliados ocidentais e recusaram. Em resposta, Goering concentrou 1.776 bombardeamentos em apenas 48 horas, forçando Varsóvia a capitular a 27 de setembro. Os seus defensores não foram maltratados, mas sim agraciados com as honras da guerra pelo General Blaskowitz, comandante do 8º Exército alemão, um gesto que reflecte muito bem o seu sentido de cavalheirismo e humanidade e o da Wehrmacht, qualidades que mais tarde se veio a verificar não existirem na maioria dos Aliados.

A Campanha tinha sido breve, mas brutal, com 10 572 mortos alemães, 3 400 desaparecidos (presumivelmente mortos) e 30 322 feridos. Mais de 694.000 polacos foram feitos prisioneiros. Antes da rendição em Varsóvia, Rydz-Smigly, Beck e todos os outros cuja arrogância e ganância tinham provocado esta situação deixaram o povo polaco no meio da sua miséria, fugindo para a Roménia. Foi a partir daqui que as tropas francesas prometidas pelo general Gamelin deveriam ter salvo

a Polónia a tempo. Mas tudo o que os conspiradores polacos encontraram na Roménia foi o internamento. Outros polacos fugiram para Inglaterra, a mesma nação que tinha traído o seu país, para continuarem uma luta acéfala e autodestrutiva contra Hitler. No fim de contas, estes tolos incomparáveis viveram para ver o dia em que o aliado soviético dos seus camaradas britânicos duvidosos foi exposto pela execução de cerca de 15.000 polacos no massacre de Katyn Woods, em abril de 1943.

Quando o chefe do governo polaco no exílio, o general Wladyslaw Sikorski, pró-aliado, exigiu que a atrocidade fosse investigada, os serviços secretos britânicos assassinaram-no três meses mais tarde num acidente aéreo forjado em Gibraltar, com receio de que alienasse Estaline numa altura em que a Grã-Bretanha precisava da participação soviética. Pondo de lado o assassínio em massa dos seus aliados polacos, que tanto valor propagandístico lhes tinham dado, Churchill e Roosevelt prescindiram deles na célebre Conferência de Teerão, quando entregaram a Polónia na sua totalidade aos demónios soviéticos.

Em contrapartida, Hitler queria preservar um Estado polaco independente, mas tinha sido impedido de o fazer por Estaline, que exigia a divisão da Polónia como preço da sua não-beligerância (*Cavendish*, 37). Os soviéticos não tinham certamente direito a quaisquer considerações especiais, uma vez que apenas cumpriram marginalmente a sua parte do Pacto de Não-Agressão, invadindo a Polónia *depois de* a campanha já ter sido decidida em 17 de setembro. Tinham medo dos polacos, que quase tinham derrubado o seu império comunista menos de vinte anos antes, quando os exércitos do Marechal Pilsudski invadiram a URSS. Daí a sua cobarde vingança contra este povo derrotado.

A traição polaca parecia alimentar-se a si própria. Em agosto de 1944, sob o impulso de uma emissão de rádio soviética que prometia um apoio maciço da Rússia, os polacos organizaram uma revolta armada contra as autoridades de ocupação alemãs. As **Waffen-SS** responderam reduzindo a capital polaca a ruínas fumegantes, em ataques muito mais devastadores do que a ofensiva aérea da Luftwaffe de 1939. Enquanto os polacos travavam mais uma batalha absurda e condenada com os alemães, podiam ver as tropas do Exército Vermelho prontas a ajudar nos arredores orientais de Varsóvia. Mas Estaline ordenou às suas forças que se detivessem e deixassem os polacos "refogar nos seus próprios sucos". Quando os britânicos pediram autorização para, pelo menos, lançar provisões por via aérea para Varsóvia, Estaline recusou. Pouco tempo depois, a revolta foi derrotada, com grande perda de vidas. Mais uma vez, os polacos deixaram-se enganar pelas promessas transparentes de estrangeiros que consideravam o seu país como um mero brinquedo de objectivos estrangeiros.

Tudo isto e muito mais sofreram os polacos pela sua recusa em considerar o pe-

dido racional de Adolf Hitler: a devolução de uma única cidade que não lhes pertencia. Como essa questão negociável parece minúscula e até mesquinha, comparada com o vasto panorama de destruição, morte e sofrimento que se seguiu para a Polónia e para o resto do mundo!

Sem dúvida, nenhuma outra nação na Terra poderia ter derrotado as forças armadas polacas, compostas por um milhão de homens, em menos de um mês. Os planos dos Aliados para atrasar o avanço alemão, dando assim tempo suficiente para que a França atacasse a oeste, eram sólidos de acordo com os padrões estratégicos da altura. Ninguém, nem mesmo os próprios generais de Hitler, acreditava que os polacos pudessem ser vencidos em pouco mais de três semanas. Como tal, Hitler merece a maior parte do crédito pela vitória, principalmente devido à sua insistência no poder aéreo de apoio terrestre e ao seu enorme cerco das forças inimigas a leste do Vístula, onde os polacos perderam todas as esperanças de uma resistência prolongada.

A Campanha foi, de facto, um triunfo do génio e da coragem nacional-socialista sobre conspiradores tacanhos que tentavam esmagar a maior esperança da Raça Branca. Mas foi também catastrófica para um povo valioso, traído por políticos avarentos e estrangeiros com agendas extra-polacas. Pior ainda, o massacre mútuo de homens arianos na Polónia em 1939 foi uma tragédia para a Civilização Ocidental, onde começou a sua Grande Guerra Fratricida e o verdadeiro Declínio do Ocidente.



NS KAMPFRUF
KAMPFSCHRIFT DER NATIONALSOZIALISTISCHEN DEUTSCHEN ARBEITSPARTEI AUSLANDS- UND AUFBAUORGANISATION

September 1937 20. April 2017 (13)

Der Kampf geht weiter !

Seit langem nach der Kapitulation der Wehrmacht am 8. Mai 1945 ist die nationalsozialistische Bewegung stärker als je zuvor in der Nachkriegszeit. Und zwar nicht nur in Deutschland, sondern auf globaler Ebene!

„Aberichte von Massenmord, Verfolgung, Vertreibung und Verdrängung haben nicht ausgereicht, das Recht der gerechten Idee gegen die gottlosen Führer Adolf Hitler zu setzen.“

Alle Nationalsozialisten sind unsterblich. Ihre Taten und Kampfergebnisse stehen fester als ein Stein auf der Erde. Die Bewegung ist nun stärker geworden, aber die Gefahr des biologischen Untergangs ist heute noch größer als in der Vergangenheit.

Der unsterbliche Gegner ist aber nicht, das Volkstum – gegen alle rassen-ethnischen Völker (V) – zu kämpfen, Sondern Mord und Ermordung, Entfremdung und Kampfergebnisse.

Oh „Jude“ oder „Säug“, ob im Waldweg oder im „Brennender“, ob mit Propagandaarbeit bewirkt oder auf einem Schlachtfeld unter der Luft Nationalsozialisten ist seine Pflicht!

Hilf Hitler!
Gottward Lank



TROTZ VERBOT NICHT TOT!



Boletim de Noticias NS
www.nsdapao.org
#1005 19.04.2022 (133)

NSDAP/AO: PO Box 6414 - Lincoln NE 68506 - USA

Relatório Frontal
Entrevista com Molly
Terceira parte

NSK: Os seus projectos actuais são obviamente filosóficos e relacionados com a arte.

Por favor, descreva a sua opinião sobre o impacto de tais tópicos na política.

Molly: Bem, ainda tento actualizar a galeria de fotografias, mas sobretudo tenho-me concentrado em Adolf Hitler e no Exército da Humanidade (www.mourningthetruth.com/truth.htm). Estou agora com 21 páginas, e tenho muito mais para fazer. Estudiar a II Guerra Mundial é um campo minado absoluto de informação. Procuramos informação sobre uma coisa e encontramos mais duas coisas para pesquisar. Sente-se um pouco como se fosse um arqueólogo, desenterrando o passado.




the NEW ORDER
Number 17 (133) Founder 1938 April 26, 2017 (133)

The Fight Goes On !

Seventy years after the capitulation of the Wehrmacht on May 8, 1945, the power National Socialist movement is stronger than ever not only in Germany, but throughout Europe.

Decades of mass murder, expulsion, persecution, and defilement have not sufficed to destroy the seed of the brilliant idea of our much loved Führer Adolf Hitler.

All National Socialists and other racially-aware entrepreneurs and racial kinemen fight side by side for the preservation of our White folk.

The movement has indeed become stronger, but the danger of biological folk death is also much greater today than in the past.

The desperate enemy is in the process of committing genocide against all White folk. His means are not White immigration, culture erosion, and race-mixing.

Whether "Jagel" or "Säug", whether in election halls or street battles, whether armed with propaganda material or on a battlefield of a different kind, every National Socialist must do his duty!

Hilf Hitler!
Gottward Lank



TROTZ VERBOT NICHT TOT!

O NSDAP/AO é o maior fornecedor Mundo da propaganda nacional-socialista!

Revistas impressas e online em vários idiomas
Centenas de livros em quase uma dúzia de idiomas
Mais de 100 sites em dezenas de idiomas



SS Defender against Bolshevism
by Reichführer SS Reichlich Klammer
FOR-DANMARK! MOD BOISHEVISM!
Translated from the SS Original

Julius Streicher Der Hitlers Feindes Book
The Poisonous Mushroom
Translated from the Third Reich Original
Der Giftpilz

Reinhold Kellmann
Hitler in Italy
HITLER in ITALIEN
English / German / Dutch / English

SS Viewpoint - Vol. 9
Wife and Family

Theodor Fritsch
The Sins of High Finance
English - German / Dutch - English

Luftwaffe War Art
Die Luftwaffe im Bild
English - German / Dutch - English

BOOKS - Translated from the Third Reich Originals!
www.third-reich-books.com



NSDAP/AO
Fight Back!



nsdapao.org
Contact us to find out how YOU can help!